

XV Jornadas de Investigación y Cuarto Encuentro de Investigadores en Psicología del Mercosur. Facultad de Psicología - Universidad de Buenos Aires, Buenos Aires, 2008.

A tessitura de um paradigma para a formação do professor no cotidiano e na história.

Souza Neto, João Clemente.

Cita:

Souza Neto, João Clemente (2008). *A tessitura de um paradigma para a formação do professor no cotidiano e na história*. XV Jornadas de Investigación y Cuarto Encuentro de Investigadores en Psicología del Mercosur. Facultad de Psicología - Universidad de Buenos Aires, Buenos Aires.

Dirección estable: <https://www.aacademica.org/000-032/366>

Acta Académica es un proyecto académico sin fines de lucro enmarcado en la iniciativa de acceso abierto. Acta Académica fue creado para facilitar a investigadores de todo el mundo el compartir su producción académica. Para crear un perfil gratuitamente o acceder a otros trabajos visite: <https://www.aacademica.org>.

A TESSITURA DE UM PARADIGMA PARA A FORMAÇÃO DO PROFESSOR NO COTIDIANO E NA HISTÓRIA

Souza Neto, João Clemente
UNIFIEO. Brasil

RESUMEN

Este texto busca extrair da biografia de um educador, José Joaquim (JJ), alguns princípios para a formação de professores. A pergunta de Marx, fundado na concepção de que o homem faz a história e de que a história o faz, de que as circunstâncias modificam as pessoas e são por elas modificadas, é quem formará o educador. No mundo contemporâneo, o assunto retorna com novos contornos e desafia os intelectuais e profissionais ligados ao campo da educação. Novas pesquisas e reflexões apontam para a aprendizagem humana como a capacidade de saber transformar e organizar o cotidiano e a história, não só como quem recebe, mas como ser que atribui à vida e aos acontecimentos diferentes sentidos.

Palabras clave

Aprendizagem Subjetividade Paradigma Engajamento

ABSTRACT

THE WEAVING OF A PARADIGM CONCERNING THE TEACHER FORMATION IN THE QUOTIDIAN AND IN THE HISTORY

This text presents some teacher's formation principles, grounded in the biography of José Joaquim, a catholic educator. The Marx's question, founded on the idea that man makes the history and history makes the man himself, that circumstances modify people and are modified themselves, is who will to educate the educator. Nowadays, the subject returns in a new sketch and challenges workers of educational field. New researches and reflections point human learning as the ability to know how to transform and organize quotidian and history, not only as a receiver, but just like someone who attributes life and facts different senses.

Key words

Learning Subjectivity Paradigm Engagement

O papel da educação é formar e preparar seres humanos capazes de confiar e de respeitar o outro, de saber-ser, saber-fazer, saber-aprender, saber-conviver. Um dos critérios da reflexão é que o fazer educacional leve em conta, além do relacionamento, as questões do ecossistema. Ao tomar como foco de atuação os espaços sociais pela perspectiva de potencializar o sujeito nas relações humanas, a pedagogia e a psicologia educacional tendem a contribuir para democratizar as relações. A aprendizagem requer mudanças atitudinais e é por essa razão que ela integra a condição humana.[1] Esses princípios permitem analisar biografias de professores e educadores, pelo método de estudo de caso, com a finalidade de tecer um paradigma formativo que responda às exigências da contemporaneidade.

O educador que escolhemos é José Joaquim, imigrante português que trabalhou na agricultura e na fundição em uma ferrovia, no início do século XX. Como autodidata, tornou-se professor e teve uma atuação comunitária exemplar, no sentido de construir um tecido social pautado na ética e no conhecimento. Ao analisar sua biografia, descobrimos que entre as atribuições do educador está a de transformar as informações em conhecimentos que ajudem os educandos a encontrarem o sentido da vida e, com isso, a evitar ações que promovam a barbárie. Sua

práxis pressupõe um projeto político-pedagógico que enfrente as diferentes patologias comportamentais advindas do contexto social.

Mas é preciso tomar cuidado para não fazer da formação do educador uma panacéia que responda a todos os desafios do processo educacional da população marginalizada. A formação do professor é permanente e acontece na práxis, na construção da condição humana. Na vida de José Joaquim, percebemos que a educação é uma estratégia e uma condição de humanização. Sua práxis permite descristalizar conceitos que afastam do contato com o outro e com a realidade, e propicia as condições para melhor compreensão do processo educacional, recriando categorias analíticas e contribuindo para a qualidade de vida.

A ação educacional envolve a partilha de esperanças, desilusões, sofrimentos, empolgamentos e busca de saídas. À medida que se revelam, sujeitos e objetos tornam-se protagonistas, auto e interconstrutores. O sujeito existe na relação com o outro, desde o nascimento. Cada um pode apropriar-se de parcelas do conhecimento da humanidade e transformá-las. Tal movimento altera a vida do professor e do educando.

1. CONHECIMENTO E COTIDIANIDADE DE JJ

Autores, como Bourdieu, acreditam que o sujeito reproduz hábitos e representações como se fossem verdades inquestionáveis. Mas é no cotidiano que ele encontra táticas e estratégias de saída e realização. Nesse sentido, o cotidiano não é apenas *locus* de reprodução, mas espaço que permite impulsionar a vida. Percebemos, a partir de uma certa leitura de José Joaquim, que o cotidiano é heterogêneo e rico de possibilidades. Sua identidade está imbricada com um cotidiano que reflete um caldo cultural de fundo religioso. Mas, vamos deixá-lo falar de seu processo de formação:[2]

Na experiência de JJ, a formação do professor se estende ao campo da reforma moral e, portanto, está circunscrita em suas experiências cotidianas. Ele acreditava na ação do professor como uma dedicação à missão de combater a ignorância. Este era seu lema e a uma das motivações de sua existência.

a) Combater a ignorância: “Intuí que a mãe da miséria é a ignorância. Fui primeiro combatê-la em mim mesmo, para depois ajudar os outros a vencê-la, como procurei fazer, mais tarde, pela catequese e pela educação” (pág. 31).

b) O encantamento pela descoberta do saber: “Em 1918, aos dez anos de idade, comecei a frequentar as aulas do curso primário, na escola que ficava situada em um alto, no bairro do Pimenta. Minha professora era D. Zulmira Silveira de Almeida Matos. Eu era um dos melhores alunos da >

c) A dificuldade de receber um ensino sistemático: “Infelizmente, ao completar as séries da escola elementar, eu não possuía recursos para continuar a estudar. No início e talvez até meados do século do século XX, não havia escolas públicas para todos. Quem tinha condições freqüentava escolas particulares, dirigidas por Congregações Religiosas, ou viajava para estudar no Exterior” (pág. 31).

d) A decisão de aprender sempre: “Ante a precariedade da situação, resolvi dedicar-me sempre à leitura instrutiva, de livros de ciências, história e religião, quando podia consegui-los. É bom destacar que naquela época não era tão fácil encontrar um livro. Aos poucos, aprendi a pensar, a ler, a escrever e a analisar o mundo, longe da escola oficial, mas próximo do meu cotidiano. Um livro de geografia era meu encanto. Em cada momento livre, lia e relia o tal livro que prendia minha atenção e me fazia compreender melhor a natureza. Quando escurecia, lia sob a luz do lampião, e ficava a pensar no que lera pela noite a dentro” (págs. 31-32).

e) O saber e a natureza: “Lá fora, os ramos verdes do café perfumavam o ar com suas flores brancas e miúdas ou se cobriam de rubis adocicados. Este milagre da natureza preparava os acontecimentos do novo dia. Eu despertava com o cantar dos galos e passarinhos, o cheiro gostoso da terra e da plantação molhada pelo orvalho da noite. A natureza me alegrava e eu me apegava a ela, como se fosse um modo de ficar ligado a Deus” (pág. 32).

f) As descobertas e as vitórias de cada dia: “Sobre meu aprendizado, um fato ficou gravado na minha lembrança. Anos mais tarde, deixei a enxada e o cafezal, e fui trabalhar como auxiliar de farmácia. Numa conversa, usei o adjetivo escorreito, que significa sem defeito, apurado, correto, honesto. Todos riram de mim. Mas o farmacêutico foi buscar o dicionário de português. E localizou a palavra, como eu a havia empregado. Fui elogiado e voltei para casa emocionado, feliz, com vontade de aumentar meus conhecimentos. Essa é uma das razões que me levam a pensar na importância de valorizar as pequenas descobertas, durante o processo de aprendizado. Na adolescência, cada descoberta me impulsionava a conhecer mais e mais” (pág. 32).

g) A motivação religiosa: “O que talvez eu quisesse era conhecer o próprio Deus e o ser humano. Como Deus é infinito, o conhecimento de tudo que está ligado a ele também é infinito” (pág. 32).

h) Formação religiosa e instrução: “Estas são coisas distintas, mas intimamente ligadas, a tal ponto que houve quem afirmasse que os países protestantes enriqueceram mais do que os católicos, porque se dedicavam mais à educação e à leitura da Bíblia.[3] Assim, os protestantes desenvolveram a capacidade de refletir e de discutir, ao passo que os católicos ficaram mais presos à superstição, por falta de formação religiosa e de instrução” (pág. 31).

Nos pressupostos de JJ, encontramos uma noção de sujeito que poderíamos definir com base no sentido que o indivíduo atribui a sua existência. Esse processo apresenta as motivações e a dinâmica do aprendizado. Segundo nossa perspectiva, o sentido ocorre no interstício da relação entre o sujeito e o cotidiano. Por essa perspectiva, vemos em JJ um processo quase ininterrupto de relação entre o cotidiano e os sonhos. Ora o cotidiano os estimula, ora os sonhos atraem o cotidiano. Seu desejo de estudar fazia com que descobrisse as estratégias e táticas possíveis para isso. Mesmo que tivesse que repetir um mesmo gesto, de um modo que fosse sempre novo. Isto é olhar para além do que se vê, é adquirir a capacidade de contemplar o invisível. Às vezes, o professor tem que viver como se visse o invisível. Cada educando é portador de uma nova vida que ainda não é, mas que será. Talvez isso nos ajude a entender a idéia de potência de Nietzsche. Ou a noção do devir.

No caso de JJ, a maneira híbrida de agir e de confabular, feita de conhecimentos e fé, se corporifica no processo de aprendizagem. Seu relato deixa perceber uma mistura de aspectos religiosos, ecológicos, subjetivos e racionais. Essas feições constituem, no caso de JJ, a dinâmica de uma aprendizagem que conferem coragem, esperança e força para estabelecer um projeto de vida. O suporte religioso serve para tranquilizar e dar força ao sujeito. Viver é sofrido, e mais sofrido é viver para além da mediocridade, quando o sujeito descobre que sua emancipação é também a libertação do outro.

A religião tanto pode propiciar aos indivíduos uma solidariedade emancipadora, quanto escamotear as mais variadas patologias e práticas de crueldade, como pensam Fromm, Mauss, Morin e Bastide. As mudanças de sentido, que emergem da ação do sujeito individual ou coletivo e das instituições, aparecem com mais força nos momentos de conflitos, dificuldades e tragédias. Certas apropriações que o sujeito faz de si e do outro dependem muito de como ele enxerga e sente as coisas. Nossa forma de sentir depende das nossas janelas, os cinco sentidos, e também das nossas vivências religiosas e culturais que podem aprisionar ou não as nossas percepções mais criativas. JJ afirma que no começo de sua vida não possuía consciência de seu projeto, mas que, ao longo do tempo, foi percebendo que havia em sua forma de viver um fio condutor.

“Ao olhar para o passado, vejo que as mudanças econômicas, sociais e religiosas interferiam em minha vida, orientavam minha concepção da vida e do mundo, limitavam minhas escolhas. E de uma coisa tenho segurança, de que Deus estava lá me dando força e coragem para seguir adiante. Agora, distingo claramente que ele estava me preparando para uma missão, que eu ainda não entendia plenamente. Mesmo assim, fiz tudo que

estava ao meu alcance para responder aos apelos de Deus, como sempre fiz em minha vida. Sinto uma alegria sem fim, quando olho como o Pai do Céu faz para se comunicar com seus filhos.” (Pág. 27.)

O sentido da existência por ele construído parte da fé. Portanto, todos os seus sentidos se direcionam a perceber os fatos a partir da lógica da fé. Entretanto, na dinâmica de sua história, a fé se percebe não como algo alienante, mas como algo que o impele e mobiliza a restaurar a justiça. Isto tem uma repercussão na construção de um tecido social. Diz ele:

“Saí de Portugal, vim para o Brasil, não porque Deus tenha criado as circunstâncias para isso. As mudanças nascem das decisões humanas. Mas, pela fé, posso enxergar sua presença nos acontecimentos. Ao vir para cá, cresceu o meu desejo de conhecer a Deus. Não sei se em Portugal teria as mesmas alternativas que encontrei aqui, para decidir sobre minha vocação, mesmo porque tenho a impressão de que, neste país, os leigos tinham maiores possibilidades. Agora acredito que eu era um peregrino e que Jesus me colocava num caminho de missão, que ele mesmo preparava.” (Pág. 27.)

Nosso protagonista tem clareza de que a existência humana se constrói mediante uma síntese de múltiplas determinações. Apesar de limitarem suas opções, elas não impedem sua participação no processo decisório. Essa perspectiva se ilumina nas reflexões gramscianas e marxistas acerca das escolhas que o ser humano faz, mas sempre circunscritas no emaranhado das relações sociais, econômicas, religiosas. Moisés é um exemplo dessa concepção. É um hebreu, criado pela cúpula palaciana do Egito. Mas os fatos que se seguem lhe devolvem a consciência de quem realmente era. Quando descobre sua origem, assume sua identidade e leva à frente o projeto de emancipar seu povo.

2. A CONSTRUÇÃO E RECONSTRUÇÃO DA VIDA E DA HISTÓRIA: DE APANHADOR DE CAFÉ A PROFESSOR

Nos relatos de JJ se pode apreender que o processo de formação ocorre na junção de vários elementos, pois a vida está articulada com o ecossistema. A exclusão de um fator pode determinar a morte ou a castração do processo de aprendizagem do sujeito. O sujeito criativo descobre que diante do risco e do perigo emergem também as oportunidades. JJ, um apanhador de café em cidade distante dos centros de decisão e de conhecimento sistematizado, busca motivações e estratégias para sua autoformação. À medida que o tempo passa, descobre o gosto pelo conhecimento. Percebe que conhecer não quer dizer somente ler ou interpretar o mundo. É, sobretudo, ler, interpretar e transformar a vida pessoal e daqueles que o cercam.

Poderíamos demarcar sua trajetória de vida com o seguinte título: De apanhador de café a balconista, de balconista a ferroviário e de ferroviário a professor. Essa dinâmica de promoção de vida se deve a seu esforço para estudar. Acrescenta-se a isso o contexto histórico. JJ encontrou na religião a razão para ser professor, pois acreditava que combater a ignorância aproximava as pessoas de Deus e que a educação era um meio para isso. Explica ele (págs. 74-77):

a) A força que nasce da fé: “Durante os vinte anos de trabalho na caldeiraria, impossibilitado de prosseguir os estudos, procurei me aprofundar cada vez mais nos conhecimentos bíblicos e vivíveis. Sempre considerei que, em primeiro lugar, antes da carreira profissional, vinha a missão para a qual Deus me chamara.”

b) O projeto de vida profissional: “Em 1937, eu havia procurado o inspetor escolar do distrito a que pertencia Vila Leopoldina, o Sr. Luiz de Castro, na Delegacia de Ensino, na Rua Senador Feijó, 30, e o inspetor de ensino particular, Sr. França, que também trabalhava nessa delegacia, com o propósito de tornar-me professor e abrir uma escola. Soube que poderia instalar a escola sem autorização e depois a mesma ser reconhecida. Assim, eu planejava minha nova carreira. Para isso, contava com a ajuda de alguns irmãos da Ordem Terceira de São Francisco.”

c) Esforço e incentivo dos amigos: “Na medida do possível, eu me esforçava para estudar e ampliar meu conhecimento de todas as matérias possíveis. Em 1940 e 1941, fiz o curso de cultura religiosa e de teologia dogmática “Mater Boni Consilii”,

sob a direção dos padres jesuítas, no Colégio São Luís, em São Paulo. Também lia muito e estudava sozinho, até que consegui, por concurso, realizar meu sonho de me formar professor. Estudei com muito afinco e recebi o incentivo e o apoio de amigos de Campinas, todos professores. Fui aprovado no exame de magistério pelo Ministério da Educação e Cultura.”

d) Conhecer e transformar a vida: “O processo de aquisição do conhecimento é sempre conflitante, porque modifica muitas coisas em que acreditamos e achamos que são verdadeiras. À medida que estudamos, vamos descortinando um mundo que só conhecíamos pela aparência. Se aprender já é difícil sob a orientação de um professor, muito mais difícil é como autodidata. Eu lutava para ter formação religiosa e, ao mesmo tempo, conseguir uma profissão que me permitisse combater a ignorância, agora não só religiosa, mas social.”

e) Alcançar metas: “Obtida a licença para lecionar, em 21 de setembro de 1944, fundei o “Instituto Educacional São José”, na Rua Aliança Liberal, 703, no qual fui professor e diretor durante 27 anos.[4]

f) A educação e o compromisso com a vida: “Segundo minha concepção, a escola era um instrumento que ajudava a expandir minha missão.”

g) O cotidiano na educação como busca de qualidade: “A escola ia caminhando. Apesar de certas dificuldades, sempre tinha alunos e nela eu não perdia a oportunidade de fazer catequese e dar um ensino de boa qualidade. A prova disso é que os alunos que prestavam exames no Estado eram aprovados, o que era uma das normas da época.”

No relato de JJ, há uma tensão entre o ser, o saber e o fazer. De fato, o aprendizado acontece quando o indivíduo consegue integrar e articular essas dimensões. Não basta ter um saber qualquer. É preciso saber usar o conhecimento. A dimensão do invisível está no ser. E a dimensão do visível aparece no fazer. JJ tem um desejo profundo de combater a ignorância, mas precisa encontrar uma estratégia para realizar esse anseio. Deu forma a essa aspiração por meio do magistério. Presta concurso para ser professor, aproveita dessa brecha para realizar seu sonho, uma vez que não dispõe de recursos financeiros para seguir o caminho comum. Assim, não só conquista o direito de ser professor, como também abre uma escola.

Nessa história, poderíamos trazer a metáfora do trem. Em cada estação, novas pessoas embarcam e outras descem. Na viagem da vida, a cada encontro, vamos transformando nossas expectativas. Sonhos que ficam e sonhos que vão. O educador deve descobrir qual é a locomotiva que puxa os vagões de sua vida. JJ acredita que essa locomotiva é Deus. A partir desse veio, organiza a vida e estabelece a relação entre o ser, o saber e o fazer. Sua história segue um eterno recomeçar, cheia de ondas e tempestades, mas também de alegrias e esperanças. Na viagem da vida, às vezes caminha movido por um misto de realidade e de ilusão. Como podemos constatar nessa dinâmica, onde há história há um preço a pagar (cf. Certeau, 1996:196).

Para entrar na roda dos objetivos alcançados, dos sonhos realizados e da vida transformada, JJ tem que pagar o preço do empenho, do esforço e da renúncia. Ele nos apresenta mil formas de apropriação e reapropriação do cotidiano e da produção sócio-cultural. É nessa direção que o sujeito sempre encontra um nicho, um espaço para construir seus projetos. Nesse sentido, podemos afirmar que o sujeito é aquele que consegue sonhar e ter um olhar antitragico, que se apropria de sua história como motivação para um projeto de vida e luta para transformar sua realidade de morte em vida. Cada sujeito inventa e cria sua história. Quem não consegue sonhar e esperar, mesmo com ajuda de outras pessoas, talvez não supere suas tragédias. Os sonhos e o olhar antitragico necessitam, para concretizar-se, das formas de navegar e das variáveis de manobras da exterioridade.

Pelo aspecto político-pedagógico, a práxis do professor aproxima-se do que Gramsci caracterizou como a do intelectual orgânico. Ela ajuda a redescobrir o sentido criador do sujeito. Ao contrário, a miséria da pedagogia seria transformar o sujeito numa coisa ou em objeto de terceiros. Não existe uma educação no vazio. Todo ato educacional ocorre na relação. A educação

“[...] é um ato de amor, por isso, um ato de coragem. Não pode temer o debate. A análise da realidade. Não pode fugir à discussão criadora, sob pena de ser uma farsa” (Freire, 1981:96). Com isso, o professor pode superar a força destruidora da desesperança produzida por tecnocratas das políticas educacionais que, ao invés de alimentar os sonhos saudáveis, conseguem tirar o gosto pela vida e reduzir as relações humanas a procedimentos burocráticos, através de uma racionalidade instrumental. Revela José Joaquim (págs. 70, 71 e 79):

a) É necessário rever e refazer projetos de vida: “Hoje, se eu pudesse tirar uma lição, diria que os acontecimentos queriam me comunicar que era chegada a hora de refazer meus projetos e de buscar outro mar. Assim como minha mãe e meu pai, quando perceberam que não dava mais para ficar em Portugal, vieram para o Brasil, eu deveria ter aprendido dessa história e partido para outro lugar.”

b) Todas as pessoas são importantes e necessárias: “Final, a cidade de São Paulo é tão farta de espaços, que ainda que Deus mandasse centenas de ‘josés’ continuaria a haver lugar mais do que suficiente para o trabalho de todos. A questão era que eu estava preso naquele lugar, ou que todos queremos ocupar o mesmo lugar no espaço, uma pretensão impossível.”

c) A realização humana não se pode alcançar sem amigos: “No decorrer dos anos, construí algumas amizades que muito me ajudaram e que, paradoxalmente, até conseguiram atrapalhar um pouco minha caminhada. É como o ditado popular de que toda rosa tem espinhos. Até plantei várias roseiras em minha casa, para poder compreender melhor os acontecimentos a partir desse pensamento do senso comum. Diria, ainda, que um homem somente pode realizar os seus sonhos se encontrar amigos. No meu caso, chegar a ser professor só foi possível porque contei com a amizade de um grupo de professores.”

Contemplar a história de uma pessoa e o mundo com um olhar antitragico é recolher da realidade elementos para encontrar um novo sentido para nossas atitudes e buscas. Temos a sensação de começar a percorrer novos caminhos de vida. Tomamos consciência de que a vida não é dada, mas construída a cada passo e a cada momento. Mesmo sem saber exatamente qual é o ponto de chegada, somos capazes de contemplar o não-lugar e, a partir dessa contemplação, alimentar a caminhada. O sonho põe asas em nossos pés e permite suavizar as dores, desencantos, sofrimentos e desafios que fazem parte do caminho. Sem utopias, o cansaço pode abater e até paralisar o viajante. Estou falando do caminhar da vida, de, às vezes, olhar para a realidade, sentir o peso das exigências e não encontrar respostas. Viver significa aprender a lidar com a ordem e a desordem, com as certezas e incertezas, com a dor e a alegria. Significa amar e ser amado, ou não, correr o “risco” de encontrar perspectivas que deverão ser construídas ao caminhar. No caminho, aprende-se a contemplar os momentos vividos e amadurecidos, as tantas virtudes armazenadas dentro de nós, a saborear instantes de silêncio, interiorizar as diferentes experiências da vida e ser gratos aos companheiros pelas oportunidades, sentir a experiência do despojamento, para um encontro pessoal e com os outros, sem apego a rancores e sem lamúrias.

Chega também a hora de reavaliar o projeto construído e de acolher a felicidade, caminhar sem excessos de ansiedade ou de aflição, para nos colocarmos a serviço do outro e aí sermos cuidadores de nós mesmos, do outro e do Planeta. As experiências anteriores podem gerar o medo de ser rejeitado ou maltratado. É muito importante que o professor possa ajudar o educando a interagir com sua experiência de vida e dela extrair elementos para a construção de um projeto alegre e feliz. Para que isto ocorra, é necessário assimilar as frustrações, apropriar-se delas e transformá-las pelo amor. Esse é o papel do sujeito (Souza Neto, 2002:172).

3. ENGAJAMENTO DO PROFESSOR NA TRANSFORMAÇÃO DA REALIDADE

Deve o professor tomar consciência de que é referência para aqueles que passaram por uma degradação de valores e viveram uma das experiências mais duras para o ser humano,

que é o abandono. Nesse sentido, o professor se aproxima da figura do intelectual orgânico, desenvolvida por Gramsci. Dotado de presença organizativa, ele pode ampliar as possibilidades e oportunidades de autoconhecimento e descoberta que repercutem na transformação e construção de valores e hábitos culturais. Essa práxis contribui para superar a irracionalidade da cultura de subserviência e exploração que impregnam o cotidiano dos excluídos. Os seres humanos transmitem conhecimentos uns para os outros, pelo testemunho, pelo ensino e relacionamento. Quando estabelecem formas de vínculos, acabam por descobrir alguma coisa de si.

Essa reflexão nos conduz a quatro condições, cuja arquitetura ajuda o professor a recorrer à criatividade para enfrentar as dificuldades inerentes a sua função. A primeira delas é que o ser humano é resultado da história, mas também seu produtor, uma correspondência que provoca transformações permanentes. Não existe um determinismo da história sobre o indivíduo e nem o contrário, mas ambos se complementam de forma interativa. A segunda é que não basta conhecer a realidade, é preciso transformá-la. O conhecimento se torna importante, à medida que é resultado de uma experiência individual e comunitária. A partir dele, o sujeito se transforma e também influencia seus companheiros e o espaço em que está inserido. O conhecimento é uma ferramenta que facilita viver bem e melhor. A terceira diz respeito às ações e às reações humanas sobre a natureza e os demais, numa relação que conduz à autodescoberta. Uma quarta condição entende que a emoção e a razão são fontes de conhecimento e de consciência; que ambos se estimulam. A aprendizagem se insere no campo da negociação entre subjetividade e objetividade, sem determinismos. Se fosse apenas produto da subjetividade, o sujeito entraria em desespero. Se se restringisse à objetividade, não suportaria isso, e cairia na loucura. Um sujeito saudável e maduro sabe articular essas duas dimensões. Às vezes, necessita deixar-se conduzir um pouco pelo mundo externo; outras vezes, deve irromper contra ele, sempre numa perspectiva de correspondência.

Quando ajuda o educando a elaborar um projeto de vida, o professor está, de fato, sistematizando um conjunto de experiências fragmentadas e desconexas. O equilíbrio resultante vem carregado de sentidos para a vida e para a caminhada rumo a um processo humanizador. A práxis do professor evidencia a importância do amor, não como algo intimista, mas como uma das exigências da condição humana. O sujeito que ama e recebe amor tem uma forma diferente de olhar a realidade e de transformá-la. O ser humano nada realiza sem amor, a força que impulsiona para a ação.

NOTAS

[1] Essa é a base da linha de pesquisa que venho desenvolvendo no programa de mestrado em psicologia educacional do UNIFIEO. End. Eletrônico: j.clemente@uol.com.br

[2] Conforme Relatório de José Joaquim, redigido por João Clemente de Souza Neto e Yára Schramm, 2003-2005, com base em documentos pessoais e outros. Encontra-se nos arquivos do Instituto Catequético Secular São José. End. Eletrônico: yaraschramm@yahoo.com.br

[3] O sociólogo Max Weber explica essa idéia no livro *A ética protestante e o espírito do capitalismo*.

[4] No final do ano letivo de 1971, o Instituto Educacional São José encerrou suas atividades.

BIBLIOGRAFÍA

- BOWLBY, J. Formação e rompimento dos laços afetivos. São Paulo: M. Fontes, 2002.
- CANETTI, Elias. Massa e poder. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.
- CASTORIADIS, C.O mundo fragmentado. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992.
- CERTEAU, M. de. A invenção do cotidiano. Petrópolis: Vozes, 1996.
- FREIRE, Paulo. Pedagogia da Esperança. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1994.
- FREIRE, Paulo. Educação como prática da liberdade. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1981.
- FOUCAULT, Michel. A Microfísica do Poder. São Paulo: Graal. 1981.
- GIDDENS, A. Modernidade e identidade. Rio de Janeiro: Zahar, 2002.

- GRAMSCI, A. Cadernos do cárcere. V. I. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1999.
- GRAMSCI, A. Concepção dialética da história. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1984.
- HISADA, S. A utilização de histórias no processo psicoterápico. Rio de Janeiro: Revinter, 1998.
- MANZINI-COVRE, Maria de Lourdes (org.). Mudança de sentido, sujeitos e cidadania. São Paulo: Expressão & Arte, 2005.
- MORIN, Edgar. Ciência com Consciência. Portugal, Europa-América, 1998.
- SCHULLER, F. Dialética da secularização. Aparecida-SP: Idéias & Letras, 2007.
- SOUZA NETO, João Clemente de. Crianças e adolescentes abandonados, estratégias de sobrevivência. São Paulo: Expressão & Arte, 2002.
- SOUZA NETO, João Clemente de. e SCHRAMM, Yára. Cristo Mestre, Único e Sumo Bem. São Paulo: Expressão & Arte, 2005.
- WALDMAN, Berta. Clarice Lispector. A paixão segundo CL. São Paulo: Escuta, 1993.
- WINNICOTT, D. W. Privação e delinquência. São Paulo: Martins Fontes, 1995.